

GREVE DA USP

BOLETIM UJC E MUP
ED. 01



@mup.usp @ujc.sp



“O jornal não é somente um propagandista e agitador coletivo, mas também um organizador coletivo. Sobre esse último aspecto, pode-se comparar o jornal com a estrutura de andaimes que envolve o edifício em construção mas permite adivinhar seus traços, facilita os contatos entre os construtores, ajudando lhes a subdividir o trabalho e a dar conta dos resultados gerais obtidos com o trabalho organizado. Por meio do jornal e com o jornal se formará uma organização permanente, que se ocupará não somente do trabalho local, mas também do trabalho geral sistemático, que ensinará a seus membros a acompanharem atentamente os acontecimentos políticos, a avaliar a importância e a influência de diversos estratos da população, a elaborar quais métodos permitem ao partido revolucionário exercer sua influência sobre os mesmos.”

Vladimir Lenin,
Estratégia e Tática da Hegemonia Proletária

NESSE BOLETIM:

Página 03 - USP em greve: A Reitoria escancara sua face anti-democrática e anti-popular!

Página 07 - Perspectivas para o futuro

Página 10 - Destituição no CM: Luta em solidariedade ao povo palestino dentro da USP!

USP EM GREVE: A REITORIA ESCANCARA SUA FACE ANTIDEMOCRÁTICA E ANTIPOPULAR!

Em meados de setembro de 2023 os estudantes da USP iniciaram um chamado para Greve Geral, por contratação de professores, reposição de funcionários e melhorias nas políticas de permanência. A greve escalou rapidamente conforme esses estudantes se apropriaram das pautas e compreendiam melhor o cenário do desinvestimento e desestruturação da Universidade Pública, nomeada “a melhor do Brasil”. Os dados levantados eram alarmantes, indicando que o quadro de docentes e funcionários, e a proporção com o aumento dos estudantes era insuficiente, com uma proporção pior do que a de 1999.

Apesar da razoabilidade das pautas, que não se restringiram à “questões do Movimento Estudantil” mas à própria manutenção da USP como uma Universidade Pública de qualidade, afinal, sem professores, funcionários e estudantes permanecendo não é possível manter esse status. A reitoria foi intransigente e antidemocrática, se recusando a negociar por diversas vezes, anteriormente à greve levando sua deflagração e expansão.

Desde 2014, a USP tem enfrentado cortes orçamentários que impactam diretamente e principalmente a contratação de professores, funcionários e a permanência estudantil, o que reflete o projeto da burguesia de precarização e sucateamento dos serviços públicos a partir do avanço do discurso e das práticas neoliberais. Diante desse cenário, nos últimos anos, os estudantes realizaram diversas mobilizações em prol de conquistar suas reivindi-

cações, mas nunca foram ouvidos pela Reitoria da Universidade, esgotando as táticas e fazendo com que a situação ficasse cada vez mais crítica e desencadeasse o cenário de uma Greve Geral como instrumento de pressão para que suas reivindicações fossem ouvidas e atendidas.



Um fator que mostra a falta de diálogo e de um espaço democrático por parte da Reitoria, é a clara coerção que sofremos durante as mobilizações, como na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), onde o diretor, Paulo Martins, ordenou que todos os prédios da faculdade fossem fechados sobre a falsa acusação de danos patrimoniais premeditados, com o objetivo de desmobilizar e impedir que o prédio da Letras, onde já havia aprovado greve, fosse piquetado. Essa postura autoritária também esteve presente em outras faculdades da universidade, onde os piquetes foram colocados constantemente como formas de vandalismo e não como uma expressão válida da luta imposta.

Desde o começo, a Reitoria mantém uma postura contraditória, antidemocrática e impopular sobre a greve, com o objetivo de deslegitimar o movimento estudantil e suas reivindicações. Na primeira reunião de negociação, o Reitor, Carlos Carlotti, nem estava no Brasil, e a Vice-Reitora, Maria Arminda, permaneceu apenas nos primeiros 15 minutos de reunião, apresentando um completo desrespeito com os estudantes e com as pautas apresentadas.

Esse movimento, de aparente recuo não veio sem uma contrapartida, foi nesse período que a greve foi para além da

universidade, chegando principalmente às mídias burguesas por intermédio da reitoria e dos diretores das faculdades, que, por meio de um discurso aparentemente progressista, colocam que a greve não é legítima, afirmando que é uma greve sem pautas e reivindicações verdadeiras, colocando a reitoria em um pedestal blindada de críticas. Jornais como Folha de São Paulo, Estadão, entre outros, passaram a ser verdadeiras “tribunas da reitoria” e classes dominantes da USP, inclusive criminalizando o movimento grevista - mesmo sem qualquer indício de tal hostilidade.

Deputado estadual pede inquérito para expulsão de alunos grevistas da USP

Leonardo Siqueira (Novo-SP) solicitou ao governo Tarcísio uma investigação sobre possíveis danos ao patrimônio público

Movimento estudantil age como a direita bolsonarista, diz diretor de unidade da USP

Paulo Martins dirige a FFLCH e ordenou o fechamento dos prédios para impedir invasão, o que fez alunos declararem greve

'Saibam das consequências de seus atos', diz Faculdade de Direito da USP a grevistas

Unidade afirma ter esgotado capacidade de negociação e que alunos perderão o semestre caso não voltem às aulas

Ao tentar contato com as mesmas mídias, os estudantes foram simplesmente ignorados em seus direitos de resposta, mesmo quando as notícias sobre a continuidade da greve eram fornecidas em tais portais. Isso foi feito sem a consulta ao Movimento Estudantil para que esse pudesse explicar suas reivindicações para a população como um todo, recurso que a reitoria, diretores de unidades e outros agentes anti-greve tiveram. Isso demonstra uma sinergia entre essa imprensa e os setores antidemocráticos da Universidade, que são blindados por tais narrativas.

1. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/09/deputado-estadual-pede-que-alunos-grevistas-sejam-expulsos-da-usp.shtml>
2. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/09/movimento-estudantil-age-como-a-direita-bolsonarista-diz-diretor-de-unidade-da-usp.shtml>
3. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/10/saibam-das-consequencias-de-seus-atos-diz-faculdade-de-direito-da-usp-a-grevistas.shtml>

É expressiva também a face racista e conservadora da Reitoria, que menosprezou as pautas trazidas pelas estudantes negras da comissão de negociação, sendo interrompidas diversas vezes e tendo suas reivindicações questionadas. Quando foi trazido o como contratar e como mudar de fato a cara da universidade, indo para além dos números, sendo apresentada a necessidade de impor as cotas PPI nas contratações de professores, a reitoria foi intransigente, relegando a demanda para cada unidade, sem tomar a responsabilidade para si e continuando a negligenciar as demandas dos estudantes negros da universidade.

A visão da Reitoria sobre quais são os problemas da universidade hoje é rasa, não há diálogo com os cursos sobre as limitações materiais impostas pela falta de professores e de permanência, fruto especialmente do “controle orçamentário”. Diante desse cenário, se faz necessária a radicalização de nossas táticas, visando a construção de uma universidade popular, com ampla participação estudantil e paridade nos Conselhos onde as decisões são realmente tomadas e o fim da postura antidemocrática de tomada de decisões de forma unilateral na universidade, por reitores e professores titulares sem participação (ou com participação muito limitada e meramente formal) de estudantes e funcionários.

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO



“Sabemos o que há em comum entre a falta de contratação de professores, o sucateamento das políticas de permanência, a sobrecarga dos funcionários, o avanço da terceirização, o desam-

paro dos terceirizados, os investimentos privados na universidade e a revolta dos trabalhadores da Sabesp, metrô e CPTM: são todos filhos das políticas neoliberais que usam a falsa necessidade de austeridade de desculpa para primei o sucatear e depois privatizar serviços básicos como água, transporte e educação, de maneira a, em última análise, afastá-los da classe trabalhadora que os constrói.

Até agora, as pautas do movimento estudantil estão impulsionando uma considerável unidade de ação, mas é na unidade ideológica que aguarda o problema: é perder o que amarra as pautas que desfazemos também os nós entre quem se mobiliza. Cabe lembrar que até no nível da mesa de negociação a fragmentação foi uma estratégia usada contra nós: logo na primeira reunião de negociação da reitoria, foi reiteradamente proposto que a negociação se dividisse em grupos de trabalho, e não usando a estratégia histórica de negociação de greve: a mesa única de negociação. Naquele dia, conseguimos unificar a discussão, cabe agora fazê-lo em todos os seguintes. A unificação das pautas é uma barreira de potencial: ou atingimos, coletivamente, consciência política suficiente para construir uma revolta radicalizada, massificada e orientada, ou cedemos à fragmentação das pautas.

(...)

Olhando para trás, podemos ousar ser propositivos sobre o que vem por aí: temos hoje os mesmos problemas, mas mais, e mais diversos, atores. Maiores contradições, raízes mais expostas. Vamos conseguir, juntos, desenterrá-las? (...)

A unificação das pautas ao redor de sua causa comum é fim e meio da nossa própria união, em ação e pensamento, entre estudantes, trabalhadores e professores, de dentro e fora da USP.” *

Devemos entender a luta de classes como uma guerra, embora nem sempre se apresente de forma clara aos nossos olhos. Podemos avançar constantemente para derrubar o poder político - como uma guerrilha - ou travar uma longa batalha, com nossos exércitos parados, que avançam taticamente para enfraquecer a hegemonia burguesa, sempre analisando com consequência e de forma científica qual a melhor tática a ser adotada em meio à conjuntura. A organização das massas com uma consciência revolucionária que entende a necessidade da derrubada violenta da burguesia é justamente parte de uma longa guerra de posições para a construção do socialismo e da universidade popular - nosso objetivo estratégico e ao qual é submetida a nossa tática. No contexto da greve uspiana é importante entender isso, pois ela deve ser entendida como uma tática e não um fim em si mesma.

A greve, como uma tática e não um objetivo, é um instrumento para enfraquecer nossos inimigos, a reitoria e a burguesia, também representada pelo governo Tarcício. Ela não é infinita, pois seus objetivos, saldos e limites devem ser repensados sempre. Essa tática, após um mês de construção, tem apresentado seus limites e esgotamento, dados na materialidade. Diversos cursos começaram a refluir e finalizar as

paralisações devido ao cansaço, a reitoria fechou as negociações e nada mais avançamos em nossas reivindicações. Então, o que isso quer dizer para o futuro e quais nossas tarefas?

Significa que é necessário reposicionar nossas tropas para atacar de formas diferentes a hegemonia burguesa dentro da universidade com os acúmulos construídos pelo movimento durante a greve. Entender essa conjuntura demanda encontrarmos novas formas de mobilização e formação da juventude proletária de nossa universidade para continuarmos avançando, a longo prazo, nessa guerra e disputar os rumos da luta de classes dentro da universidade.

É preciso continuar a mobilizar os estudantes em torno de seus instrumentos de classe - os CAs, Grêmios e DCE -, continuar nas campanhas estaduais em defesa do orçamento universitário, conhecer profundamente a história da USP e travar as lutas locais contra as burocracias universitárias pelas nossas pautas. Devemos continuar avançando, garantindo que pautas como as Cotas Trans se tornem pautas de todos os estudantes da USP. Nosso objetivo não deve ser a tática, mas nossa estratégia - a de uma Universidade Popular. Essa só pode ser alcançada se continuarmos a mobilizar e elevar politicamente a luta das massas.



DESTITUIÇÃO NO CM: LUTA EM SOLIDARIEDADE AO POVO PALESTINO DENTRO DA USP!

A gestão do CA de Ciências Moleculares, Favo 22, que a UJC compunha, foi destituída nessa segunda-feira (17/10) frente a acusações infundadas de promoção de grupos terroristas e de antissemitismo direcionadas a um informe da **ESPP** (Comitê de Estudantes em Solidariedade ao Povo Palestino - USP) trazido na última assembleia do curso à convite da gestão. A forma como foi feita a destituição e demais ataques que estudantes e professores árabe-brasileiros têm recebido em toda a USP na escalada do conflito em Gaza, tem demonstrado que a luta em solidariedade ao povo palestino se dá de forma viva também dentro da universidade e é dever dos comunistas serem vanguarda nessas tarefas.

Vemos, neste sentido, que é necessário diferenciar o que é antissemitismo e o que é antissionismo. O sionismo é um movimento político fundado por Theodor Herzl que reivindicava “uma terra sem povo para um povo sem terra”, que reivindicava a criação de um etnoestado judaico na Palestina. A Palestina era uma “terra sem povo”? Não. A Palestina era um território ocupado pelos palestinos, mas a retórica do “res nullis”, terra de ninguém, sempre foi uma retórica utilizada por movimentos de colonização. A América era terra de ninguém, a África era terra de ninguém... E assim se justificou historicamente a desumanização do povo nativo colonizado para que se pudesse ocupar terras já ocupadas simplesmente varrendo as populações originárias do caminho.

Neste sentido, Domenico Losurdo, em seu livro “Colonialismo e Luta Anticolonial”, caracteriza o sionismo como colonialista e, não obstante, caracteriza também o sionismo como racista. Seus argumentos são reforçados por Hannah Arendt - uma filósofa judia - que dizia em periódicos à época da criação do Estado de Israel que o sionismo “não é mais que a aceitação acrítica do nacionalismo de inspiração alemã”, indicando que o sionismo implica na criação de um etnoestado com pressupostos de limpeza étnica.

Ser antissionista, portanto, é **dever** de todos que entendem que nenhum povo deve ser colonizado, que nenhum povo deve sofrer genocídio. E, neste sentido, entendemos a tônica do informe como antissionista, não antisemita. O equívoco entre uma coisa e outra não é ocasional, é um projeto de impedimento da defesa dos palestinos com a criação de um espantalho. O que acontece é a falsificação de uma fala legítima de apoio ao povo palestino simplesmente pelo fato de que ela contraria os interesses sionistas. É tarefa dos comunistas tomar partido firmemente contra as injustiças sofridas pelo povo palestino.

**NÃO ACEITAREMOS
INTIMIDAÇÕES!**

**PALESTINA LIVRE
DO RIO AO MAR!**



“NÃO É NECESSÁRIO ABAIXAR A CABEÇA PARA TODAS AS INJUSTIÇAS SÓ PORQUE ESSAS SÃO COMETIDAS POR QUEM TEM TODA A ESTRUTURA DE PODER SOB SEU CONTROLE. É POSSÍVEL MUDAR ESSA ESTRUTURA!”

**SE ORGANIZE COM A UNIÃO
DA JUVENTUDE COMUNISTA!**



https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe1hVgbof_jBoktQ1_DrmuqgEUNtzdKyAulinV5wx9H9DO4Hw/viewform

